

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 8

SUMMARIO

Monographia da egreja Matriz da cidade de Lisboa, pelo socio o Abade A. D. de Castro e Sousa, pag. 113. — *Architectura* — *Ermida de Nossa Senhora do Amial, em Torres Vedras*, pelo socio A. E. de Freitas Cavalleiro e Sousa, pag. 115. *Archeologia* — *Alguns passos n'um labyrintho*, pelo socio correspondente o Dr. A. Philippe Simões, pag. 117. — *Tumulo d'el-rei D. Fernando I de Portugal*, pelo socio J. Possidonio N. da Silva, pag. 121. — *Noticia dos architectos antigos e modernos de maior nomeada*, pelo socio J. da Silva, pag. 122. — *Sinete da inquisição de Coimbra*, pelo socio correspondente Augusto M. Simões de Castro, pag. 125. — *Construção* — Nova reforma applicada ás salas dos theatros, pelo architecto J. da Silva, pag. 125. — *Chronica* — *Visita de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia ao museu do Carmo*, pag. 126. — *Ordem de Nossa Senhora da Conceição* conferida ao insigne architecto neerlandez, Mr. Leliman, pag. 127. — *Nomeação do illustre cavalleiro Mr. Van-Iddekinge* para secretario da commissão encarregada da conservação dos monumentos e objectos pertencentes a archeologia na Hollanda, pag. 127. — *Publicação no jornal francez a respeito da fundação d'esta Real Associação*, pag. 127. — *Medalhas conferidas pelo Congresso d'Archeologia em França no presente anno*, pag. 128. — *Noticia d'uma moeda de prata portugueza*, pag. 128. — *Sepulturas da provincia de Constantina (Alger)*, pag. 128. — *Eleições para o anno de 1876, e approvação de novos socios*, pag. 128.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO.

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado do n.º 7 pag. 103)

Na Charola

«Aqui jaz Bastião Roiz, criado da Infanta D. Maria,
o qual foi á Africa servir el-Rei nosso senhor, e
depois vindo a esta cidade — matou a sua mulher —
por lhe fazer adulterio.

Pede pelo amor de Deus Nosso Senhor que lhe digam hum Pater Nostre, e huma Ave Maria pela sua alma.»

«Debaixo jaz terra que foy de João Dalpui do conselho d'el-Rei D. Duarte e Chancellor da Casa do Civel em tempo que os letrados eraõ fidalgos, como elle foy, cujas armas foraõ de seus avós e as do estado e casas de seus descendentes.»

«Aqui jaz Pero Esteves de Veer
Escrivão do Conde D. Martim Gil,
e morreu seis dias andados de Março
Era de mil duzentos e quarenta e sete.»

Santo Aleixo

*Esta sepultura he de
Ines Eanes; sobrinho de Vecte Roiz
Valbõ.»*

«Aqui jaz o Conde D. Pedro filho del Rey D. Dinis.

No angulo do cunhal do lado direito a quem vai da igreja para a charola.

«Esta sepultura he de Manoel Freire criado do conde de Borba e Cavalleiro da Casa del Rey andou m.^{to} e africa na gera dos mouros e se viu en m.^{tas} cousas e por serviço de D.^a veio morer nestas capelas del Rey Dõ. A.^o na Sé de Lixboa. Era 1525.
No cunhal do lado opposto:

V.^a Añes: T.^{em} e:
Vasalo: del Rei.»

Na charola, junto da capella de S.^{to} Aleixo, n'uma pequena pedra mettida na parede, em muito má letra oncial, se lê:

«Aqui: jas: Pe: M^{rs}: da: Alfama: q: foi:
Almoxarife: de: Lixboa: e: pasou:
V: dias: andados: d': Junho: E: M:
CCC: 4II: anos; e: mandou: fas:
dous: crusairos: da: eraça:
dante si: por: sa: alma: cuja:
alma: jaseo: cō: Dn: ames.»

Nas costas da capella do Santissimo, começo da charola, em campá rasa:

«Esta sepultura e todo este jasigo he de Manoel Campelo de Andrade cidadão desta cidade, e sua mulher Marianna Pereira, de que o muito Reverendo Cabido lhe fez mercê para si, e seus herdeiros e descendentes, em remuneração de ter posto aqui esta cruz, e feito as mais obras á sua custa, e se lhe passou Provisão, a. . . de Dezembro de 1630, que está no archivo do muito Reverendo Cabido, a folhas 185 de pr.^o . . .»

Na capella mór, em uma pilastra que fica por baixo da tribuna real:

«Esta sepultura he de Fernão Martins Capateiro e de Brites Eannes, e teve em ella dous filhos.»
(o mais não se lê, por estar coberto de madeira.)

O Abbade José Francisco Corrêa da Serra » nome bem conhecido na republica das letras, botânico afamado na Europa e nos Estados Unidos da America, achou n'este templo muitas inscrições, que copiou em 1780, e que o conego Cruz, encarregado da reedificação, do templo, depois do terremoto em 1776, foi metter no cimento das paredes, a ponto de as não poder cotejar de novo com a copia do mesmo Abbade. O subterraneo sobre que se levanta o edificio, foi descoberto pela occasião do terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se afirmou não lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, qual fosse o uso a que o tivessem destinado. Constando isto aos reedificadores, não obstante, cuidaram de entulhal-o. Consta que o reitor, que então era da Sé, Placido Rodrigues Velho, fizera d'isto assento, no livro de suas memorias.

Capellas instituidas na Sé

A d'el-Rei D. Affonso IV, e da Rainha D. Brites sua mulher, chamada dos Affonsinhos — Tinha 10 capellães, e 24 merceeiras, 12 para homens, e 12 para mulheres, com obrigação de assistirem de manhã e de tarde aos officios divinos. Tinham casa para habitar. Instituiram os ditos reis esta Capella no anno de 1353.

— Capella do arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça.

— Duas capellas de missa quotidiana, pelo P.^e Manoel da Silva, quartenario da Sé — outra de missa quotidiana, cuja administração está incorporada na fabrica da igreja.

— Capella do arcebispo D. Jorge d'Almeida — outra do conego Pantaleão Rodrigues Pacheco — outra de Maria Machado.

— Duas capellas de S. Sebastião, pertencentes á cadeira de Mafra.

— Capella de S. Bartholomeu, instituida por Bartholomeu Joannes, com 4 capellas, e 4 merceeiros, e um hospital.

— Capella de S. Pedro, chamada antigamente de S.^{to} Lenho.

— Duas capellas de Nossa Senhora da Conceição, com uma merceeira.

— Capella chamada da missa de S. Vicente.

— Capella de S. Lourenço — S. Mansos — S.^{ta} Catharina — Trindade — Salvador — S.^{to} Estação; e a de D. Garcia, com hospital.

Alem destas capellas, tem a Camara a administração de mais 13 antiquissimas.

Irmandades

Santissimo Sacramento — Senhora da Piedade — Calafates — S.^{to} Aleixo — Senhor Jesus da Boa Sentença — Jesus Maria José, dos Correyros — Almas — com sete capellães.

A irmandade da Misericordia começou no claustro da Sé, na capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra solta, em 15 de Agosto de 1498, aqui permaneceu até 25 de Março de 1534, em que se transferiu para a sua igreja, cuja edificação se deve a El-Rei D. Manoel.

Confrarias

De S.^{ta} Anna — outra tambem de S.^{ta} Anna, pertencente aos Officiaes da Casa da Moeda — S.^{to} Amaro — Senhora, a Grande, ou de Bittancourt — S.^{to} Antonio, dos Meninos do Côro — Salvador — S. Pedro — Nossa Senhora da Pombinha — S. Vicente dos Cosmos.

O districto, e povoação da Sé, como Parochia, nunca foi das maiores. Christovão Rodrigues d'Oliveira, no seu Summario, impresso em 1551 — o descreve pela seguinte maneira: — Continha 718 visinhos, ou 6:107 almas distribuidas pela — Rua direita da Porta da Sé — Porta de ferro — Rua do Barão Velho — Almarem velho — de sobre o muro do Almarem velho — Arco de S. Sebastião — Rua das Canastras, que antigamente se chamava do Lagar do mel — Terreiro velho — Terreiro do Trigo — Porta do mar — Rua d'Affonso d'Albuquerque, que antigamente se chamava

Rua dos Arcos — Conde de Portalegre — Praça dos Carros — Rua da da Camara — Conde de Penella — dos Conegos — Castel-picão — Tavernas.

TRAVESSAS — Forno — Arcos da Sé — Conde de Portalegre — Aljube — Leão — Arco de D. Hellena.

BECOS — D. Francisco Dias — Antonio Lopes Bulhão — Beco sem nome — Almarem — Lagar do Mel — Bartholomeu Joannes — Pedro de Abreu — Gomes d'Aragão — Bispo Governador — Domingos Lopes — Simão de Faria — Caroz.

Em 1755, segundo João Baptista de Castro, no 3.º tomo do seu Mappa de Portugal — contava esta parochia — 896 fogos, e 4:255 pessoas de communhão, e compunha-se das seguintes ruas: (algumas eram das antigas com diversos nomes:) — Rua do Albuquerque — Almargem — Arco da Consolação, e de S. Francisco — Rua do Barão — Calçadinha da Graça, e Quebra costas — Campo das Cebollas, — Rua das Canastras — Rua dos Conegos — Cruzes de Sé — Rua direita de S.º Antonio — Detraz de S.º Antonio — de João Fogaça — de S. João da Praça — S. Jorge — Largo do Aljube — da Basilica — das Cruzes da Sé — e do Senhor de Bellas — Meio da Ribeira — Merceeiras dos homens, e das mulheres — Parreirinha — Passadisso da Ribeira — Pateo de S.º Antonio, e da Audiencia — Portas de Ferro e do Mar. —

BECOS — Abreu — Alecrim — Aljube — Amada — Armazens — Bogio — Grinalda — Jasmim — Leão — Mel — Merceeiras — Perola — Seixo da porta de baixo, e da porta de cima.

Em 1780, conforme o plano de divisão e translação das parochias de Lisboa, contava esta Parochia — 308 fogos, e 1720 pessoas (a tal estado a reduziu o terremoto de 1755) com a seguinte demarcação de districto: Começará na esquina das casas, que na rua da Misericordia debaixo fazem frente para a rua da Magdalena, indo para a Ribeira, por ambos os lados, até a travessa do Conde de Coculim ou Arco de Jesus; e entrando n'elle pelo lado occidental, irá procurar linha recta a antiga Igreja de S. Jorge: e d'ahi entrará por um outro lado da Rua nova de S. Mamede, até chegar á calçada do Correio, e voltando sobre o lado esquerdo, irá procurar pelo mesmo lado a rua da Padaria; até á rua da Mizericordia de cima, aonde finalizará a sua circumferencia na esquina do mesmo quarteirão de casas correspondentes á em que tinha principiado. Pertencem-lhe tambem todas as mais ruas, travessas, e becos comprehendidos neste districto.

Era costume antigo dar nome de Villa ás povoações extramuros: o Campo de S.ª Clara, e ruas travessas chamava-se Villa Gallega: na Costa do Castello havia Villaquente: o Largo do Poço novo, e seus arredores denominava-se Villanova d'Andrada.

(Continua)

ARCHITECTURA

Memoria offerecida á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

PELO SOCIO DA MESMA ASSOCIAÇÃO

A. EUGENIO DE FREITAS CAVALLEIRO E SOUSA

I

«O homem isolado não podendo, na sua origem, subtrahir-se ao rigor das estações, nem ao ataque dos animaes ferozes que o perseguiram, concebeu a idéa da cabana, a qual, segundo a opinião de muitos auctores, foi a origem e o typo das cinco ordens de architectura.»

É assim que um distincto professor que foi da Academia das Bellas Artes de Lisboa, o fallecido Sequeira de honrada memoria, se exprime em um dos periodos com que dá começo ao seu excellente livro — *Noções de architectura civil*. E esta sua proposição não pôde deixar de ser aceitavel, admittindo ser a cabana, — edificio simplicissimo — de onde nasceu a idéa que, posteriormente, produziu outras habitações, mais ou menos vastas, mais ou menos elegantes, mais ou menos sumptuosas.

Não foi, comtudo, a cabana a primitiva habitação do homem. Seguramente as cavidades naturaes deram-lhe abrigo nos tempos primitivos em que a sua intelligencia lhe não suggeriria outro pensamento mais que o da propria conservação. A cabana já nos indica e dá a certeza de uma concepção mais desenvolvida, e, quicá, exigencia da natural necessidade de um melhor commodo.

Da gruta á cabana, á tenda, ía apenas um passo; da cabana á casa regular, e d'esta ao palacio, não iria tambem uma grande distancia; e os adornos seriam a consequencia natural das exigencias caprichosas de uma avançada civilisação, e, sem duvida, do fausto d'essas épocas durante as quaes se fizeram, e fazem taes edificios.

D'este modo vemos campear a assombrosa architectura indiana, a soberba architectura egypcia, a elegante architectura assyria, a admiravel architectura grega, a magnifica architectura romana, a symbolica architectura gothica, a maravilhosa architectura mourisca: typos cujos caracteres especiaes e privativos cederam o lugar de classicas ás ordens grega e romana, pois que as outras são hoje apenas lembradas secundaria-mente, e por phantasia do artista, para abrilhantar suas télas.

Seria, por certo, curiosa a obra que investigasse e reproduzisse com exactidão rigorosa os monumentos que restam, reliquias preciosas d'aquellas architecturas,

por épocas chronologicas e por nações. Da confrontação d'ellas conheceria o investigador consecutivo progresso dos povos; estudar-lhes-hia os costumes; acharia, talvez, a chave enigmatica da origem de muitos dos mesmos povos, pela identidade das idéas reproduzidas em seus edificios.

D'aqui a convicção, talvez arrojada, de que o estudo da architectura se completaria pelo da archeologia; qualquer d'ellas parte integrante da outra. E porque não o será?

II

Não temos architectura propriamente nacional, posto que o nosso paiz possua preciosos monúmentos architectonicos de diversas origens: romana, no aqueducto de Sertorio, em Evora; templo de Diana, na mesma cidade; gothica, na Sé-Velha, em Coimbra; mourisca, no castello de Cintra; e se temos architectura, não será outra senão a denominada manuelina, cujo padrão existe airoso e magnifico no convento dos Jeronymos em Belem.

Mas não será ella uma modificação, ou, antes, aperfeiçoamento d'ess'outra denominada ogival que tão profundas raizes lançou na Europa, e da qual são amstras admiraveis a Batalha e Santa Cruz de Coimbra, em Portugal; a cathedral de Amiens, a de Strasburgo, e a de Chartres, em França; a de São Patricio de Dublin, a de Lichfield, a de York, e a de Worcester, em Inglaterra; a Casa da Camara de Colonia, na Prussia; além de outras muitas edificações onde a architectura gothica empregou toda a elegancia de seu caprichoso e phantastico estylo, e a arte os seus primores de execução esculptural?

A analyse, posto que rapida, da feição particular de cada uma das suas partes leva-nos a crel-o, senão a affirmar-o. E se os diversos typos de architectura, ainda existentes, vem de uma origem commum, da mesma fórma que as diversas gerações humanas derivam de um unico progenitor, não devemos ter duvida em admittir que a chamada architectura manuelina advenha da gothica, assim como esta da indiana, a nosso ver progenitora commum de todas as ordens architectonicas regulares?

Pelo menos é na India que existem os mais antigos padrões da primordial civilisação.

«A architectura, diz o illustrado escriptor A. de Sarmiento, só constitue uma arte verdadeiramente depois que os povos attingiram um grau elevado de civilisação, de opulencia, e de luxo. Na sua origem não se póde considerar senão como uma industria grosseira, que tem por fim fornecer ao homem um abrigo contra a intemperie das estações. Comtudo, a qualquer altura que se eleve a arte architectural n'uma nação, encontram-se sempre n'ella alguns traços característicos que nos revelam o seu ponto de partida.»

Assim cremos; e não podemos admittir, com alguns,

que existam tres typos primitivos de architectura, tomados como outras tantas origens d'ella, e que cada um d'elles se refira a tres estados diversos da raça humana: a tenda, ou habitação dos povos pastores; a cabana, a dos povos lavradores; a gruta, a dos povos caçadores: d'aqui o typo chinez, o grego, o indiano!

Com ser admiravel esta ordem de coisas, confundenos a maneira por que de uma supposição se poderão tirar argumentos solidos para asseverar um facto cuja unica base é simplesmente a analogia de habitos entre habitantes e habitações. E pois que nenhum dos homens competentes, que teem escripto ácerca d'esta interessante materia, nos apresenta factos evidentes que de — monstrem a verdadeira origem da architectura, baseemo-nos em dados conhecidos, quaes são os monumentos existentes, onde melhor se descobre o fundamento para asseverar que a architectura regular, hoje, é uma serie de modificações de uma idéa primitiva unica, embora influenciada pelas circumstancias locaes de cada nação. O simples bom senso mesmo nos induz a crer que o homem, por uma acertada combinação de idéas, é que a foi desenvolvendo, tanto ampliando-a como afeiçoando-a a seus gostos e necessidades, não se contentando já com a gruta mas com a tenda, mas com a cabana, e, afinal, nem com estas, porém, sim, com mais vastas concepções!

Tal é, conforme a nossa maneira de ver, a historia succinta da architectura relativamente ao seu começo e desenvolvimento.

III

Porque não tomará a illustrada corporação dos architectos civis e archeologos portuguezes uma iniciativa que bastante honra lhe daria, procurando colleccionar os desenhos, e, por ventura, as plantas dos edificios notaveis de todas as nações, onde se encontrassem typos especiaes, modelos, de cada um dos estylos architectonicos, que não faltam por ahi?

Sobejam capacidades para isso; o que lhes faltaré é o auxilio moral e pecuniario do governo, ponto de apoio onde, nova alavanca de Archimedes, removeria um mundo de récordações e bases preciosas para a historia geral da civilisação; dados, tambem, para um estudo regular e methodico da architectura, tanto considerada em commum, como em especial; cremol-o!

Ampliar-se-hia; aperfeiçoar-se-hia; nasceria d'aqui, naturalmente, uma nova fórma e estylo.

A comparação, a analyse, produzem sempre d'estes phenomenos que se dão na vida activa da sociedade.

«Quer se consulte a natureza, quer se examinem os monumentos, diz acertadamente Durand, é certo que o fim principal da architectura não foi sómente agradar, nem a decoração o seu unico objecto. A utilidade publica e particular, a conservação e a prosperidade dos individuos e das sociedades, taes são, em summa, as funcções primordiaes d'esta nobilissima arte.»

Pois assim como a tenda, a cabana, foram os rudimentos d'ella, não daria a analyse comparada das suas producções uma idéa aperfeiçoada para a composição de outras!

Cremol-o ainda!

E cremos tanto ser este o fim da architectura, como cremos o de terem em vista os architectos, primeiro que tudo, tirar dos edificios que constroem o maior numero de vantagens; repetimos, dispondo-os do modo mais conveniente para os usos a que são destinados, embelezando-os adequadamente.

É essa a sua principal missão!

IV

Estas breves reflexões vieram-nos a proposito tentando, de algum modo, suscitar o empenho de todos para um fim de tão grande alcance, qual é, como já indicámos, colleccionar os desenhos de todos os monumentos architectonicos ainda existentes, e mesmo as plantas respectivas, por individuos experimentados em taes trabalhos, e por meio de operações locais.

O muito digno presidente da Real Associação em cujo gremio temos a apreciabilissima honra de possuir um lugar, tentando, segundo nos consta, realisar tão excellente pensamento, mais uma vez demonstrou para quanto valia; e quão grande é o interesse que toma por tudo quanto pertence á sua nobre arte, e que a sua elevada intelligencia se preocupa seriamente de tudo quanto lhe diz respeito, e se torna util.

Depois, a architectura e a archeologia reunidas em um só amplexo hão de produzir beneficos resultados; hão de alargar a área já, todavia, vastissima dos conhecimentos especiaes de uma arte que tantos homens celebres ennobreceram, tirando d'ella todo o partido para a concepção de suas admiraveis obras, as quaes estão hoje promovendo a geral admiração, e os louvores dos entendidos.

Gloria lhes seja por tanto!

Ponhamos todos, os olhos n'aquelle exemplo vivo de dedicação e amor á arte; de zelo pelo credito da classe, já tão abundante em nomes illustres, entre os quaes se contam Affonso Domingues, Matheus Fernandes, Bramanto, Miguel Angelo, Vinhola, Durand, Vitruvio, e tantos outros, cuja enumeração seria assás longa para esta pequena memoria; artistas, aos quaes a posteridade fez, e fará, completa justiça!

V

Um dia, ha tempo, observando detidamente a ermida de Nossa Senhora do Amial, em Torres Vedras, com um interesse que até então não tomáramos por não lhe haveremos prestado verdadeira attenção, notámos alguma coisa que nos suggeria profundas reflexões relativamente á sua remota origem.

É sabido que da sua primitiva edificação não ha memoria, pelo menos, conhecida. É apenas averiguado, ter

ella servido, em épocas muito affastadas, de parochia d'aquelle districto, á falta de outra, abrangendo, em sua área parochial, os povos de Torres Vedras, Mafra, e Lourinhã; sendo tal a sua antiguidade que é mesmo anterior á das outras egrejas matrizes da villa, e villas circunvisinhas.

O facto que nos despertou a attenção foi a fachada d'aquelle ermida ser do gosto toscano, em quanto que o resto do edificio é construido no gosto moderno; isto é, onde a singeleza das fórmas denuncia a completa ausencia de uma idéa artistica.

A ordem toscana é, como se sabe, de immediata origem romana. Os romanos habitaram, por largos annos, em Torres Vedras. A idéa que nos assaltou, pois, embora mui vagamente, foi a de ser a origem da mesma ermida algum templo romano.

Este facto nada tinha de admiravel, nem seria o unico.

O atrio, que comprehende esta singular parte do edificio e por cima do qual fica o côro, faz lembrar os antecorpos dos templos romanos e gregos, aos quaes este se assemelha; o restante, como já dissemos, é simples. Porque não imaginaremos que uma posterior reedificação aproveitaria aquella preciosa reliquia, desprezando o mais por inaproveitavel?

Mas isto não passa de supposição, ainda assim.

Não ha uma data, um nome, que nos assegure o nosso juizo. Ha apenas analogia das formas; analogia, porém, tão frisante, que não podemos deixar de lhe admittir subido grau de probabilidade; mesmo apesar das pequenas dimensões d'aquelle edificio não condizerem com a grandeza habitual dos romanos em suas obras, ordinariamente de vasta amplitude.

Seja como for, esta porção d'aquelle venerando todo, denota trabalho, ou, pelo menos, gosto romano; que outra coisa não é o toscano; e, quer elle tenha origem n'aquelle povo, quer não passe de servil imitação, chama seguramente a attenção do curioso observador, por não ser vulgar aquelle estylo em edificações portuguezas.

Á falta de provas em contrario, inclinamo-nos a crer na origem romana do templo em questão.

Exponho os factos, outros mais competentes decidirão um pleito em que muito pôde interessar a arte.

Alemquer, Junho de 1875.

ALGUNS PASSOS N'UM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

(Continuação do n.º 7, pag. 109.)

II

Demonstrada a existencia anterior de uma povoação romana no mesmo logar que hoje occupa a cidade de Coimbra, resta-nos indagar que nome teria. E, como

houve uma cidade chamada Conimbriga, a semelhança entre aquella e este ultimo nome poderia fazer suppor ter sido essa a povoação existente na margem direita do rio Munda. Importa pois demonstrar que a cidade luso-romana, Conimbriga ou Conimbrica, foi, segundo a opinião commum, no sitio de Condeixa a Velha.

No meiado do seculo XVI já Gaspar Barreiros na sua Chorographia entendeu necessario provar, «para os que d'estas coisas não tiverem alguma experiencia, e para outros que por a semelhança dos nomes se moverem a cuidar que Conimbriga é a cidade de Coimbra,» que o lugar de Condeixa a Velha fôra a antiga Conimbriga dos romanos. O primeiro argumento que adduziu foi o que se infere do Itinerario de Antonino que marca 66 milhas ou 16 leguas e meia entre Santarem e Conimbriga, as quaes quadram como a distancia de 16 leguas e meia entre aquella cidade e Condeixa a Velha, e não com as dezenove leguas que faziam de Santarem a Coimbra. Por outra parte, a distancia de 81 milhas ou 20 leguas e um quarto que no mesmo Itinerario se contam de Conimbriga a Calem, correspondem melhor á distancia entre Condeixa a Velha e Gaia ou Porto do que ás dezoito leguas medidas d'aquella ultima cidade a Coimbra.

O auctor falla depois dos restos que da antiga cidade romana tinham ficado no sitio de Condeixa a Velha e transcreve uma inscripção com o nome de *Conimbriga*, a qual juntamente com outras no seu tempo estava na ponte da Atadôa.¹

D. M.

VALERIO AVITO

VALERI MARINI

FIL. ANN. XXX

VALERIA. FVSCILLA

MATER. FIL

CARISSIMO. ET

PIENTISSIMO.

ET OPSEQVEN

TISSIMO

P.

SCRIBI. IN TITVLO. VERSVCVLOS

VOLO QVINQUE DECENTER.

VALERIVS. HOC SCRIPSI. CO

NIMBRIGA NATVS. MORS SVBITO ERI

PVIT. VIXI TERDENOS ANNOS SINE

CRIMINE VITÆ. VIVITE VICTVRI MO

NEO. MORS OMNIBVS INSTAT.

Esta inscripção é a mais importante por conter o nome da cidade; mas outras muitas, quasi todas sepulchraes, se encontram em varios livros, sendo algumas apocryphas, como as que Fr. Bernardo de Brito deu á luz na Monarchia Lusitana.

Vê-se ainda hoje nas ruínas de Condeixa a Velha todo o circuito das muralhas que defendiam a cidade; e, o que é notavel, o povo chama *Almedina* o espaço murado, posto que esta palavra devesse ser introduzida, em quanto durava a dominação dos arabes, para designar, como em Coimbra, a cêrca ou a parte defensiva da povoação. A muralha terá de circumferencia dois a tres kilometros, e está meio demolida em toda a sua extensão. A sahida de uma das portas da cidade restam dois enormes viaductos de cantaria que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos.

Segue-se tambem até Alcabideque na distancia, pouco mais ou menos, de meia legua, o aqueducto, por onde vinha conduzida a agua para a antiga Conimbriga. Junto das fontes do aqueducto e logo no principio do seu tracto, conserva-se ainda meio demolida uma torre que serviria por certo de habitação a algum empregado ou guarda, encarregado de vigiar ou defender este sitio, ou de regular ao mesmo tempo a sahida da agua. Parece que uma abobada feita de cimento, da qual restam ainda grandes fragmentos, cobriria a agua no vasto reservatorio em que se ajuntava antes de entrar no aqueducto.

Por diferentes vezes tem apparecido nas ruínas, por dentro da muralha ou fora d'ella, vestigios de uma povoação rica e florescente. Em excavações que se fizeram, ha alguns annos, para plantar uma vinha, acharam-se os restos de uma casa com pinturas a fresco.

Em 1873 descobriu-se o envasamento de um templo, todo de cantaria, ao qual de certo pertenceria o toro de uma base de columna, com um metro de diametro que já antecedentemente havia sido encontrado no mesmo lugar. N'esse mesmo anno vi os restos de uma casa com columnas de marmore, das quaes restavam as bases e as partes inferiores dos fustes. Entre as bases estava ainda o chão n'alguns sitios coberto de mosaico, do qual vieram alguns fragmentos para a collecção de archeologia do Instituto.¹ Emfim a alguma distancia das ruínas acham-se restos da estrada romana, cuja direcção conviria determinar por esses vestigios.

Em vista de provas tão concludentes parece-me não haver duvida nenhuma em que: 1.º Onde hoje é Coimbra houve uma povoação romana. 2.º A antiga Conimbriga foi no sitio de Condeixa a Velha.

É agora a occasião de indagar o nome da povoação romana, cujos vestigios teem apparecido na cidade de

¹ Barreiros, *Corographia*, fol. 48 a 51.

¹ Instituto, tom, XX — n.º 44, pag. 237.

Coimbra. O Itinerario de Antonino marca de Lisboa a Braga as cidades e as distancias pela forma seguinte:

Iter ab	Olisipone	Bracaram	Augustam	mpm	CCXLIII
»	Ierabriga		»	XXX	
»	Scalabin		»	XXXII	
»	Sellium		»	XXXII	
»	Eminio		»	X	
»	Talabriga		»	XL	
»	Langobriga		»	XVIII	
»	Calem		»	XIII	
»	Bracara		»	XXXV	

Se houvesse certeza no sitio onde foi Talabriga, tornar-se-hia mais facil determinar a posição de Eminio. Suppõe-se que Talabriga seria em Aveiro ou junto d'esta cidade, mas faltam as provas. Entretanto, marcado o lugar que a antiga Conimbriga occupava, e achados os dois marcos milliarios de que fallámos, um no sitio de Coimbra e outro no da Mealhada, ter-se-ha por certo que a estrada militar romana seguia de Conimbriga para o Norte, passando nos logares onde appareceram os marcos. Ora a cidade de Eminio a 10 mil passos ou 2 leguas e meia ao Norte de Conimbriga deveria ser, por tanto, onde hoje existe a cidade de Coimbra. Assim a racional interpretação do Itinerario de Antonino, favorece somente essa hypothese e nenhuma outra.

Ha, porem, um texto mais antigo que o Itinerario e que não concorda exactamente com elle. É a descripção que Plinio deu da Lusitania, « *A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pesuri, Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Minium, Oppida Conimbrica, Colippo, Eburo, Britium* »

« Ab Minio quem supra diximus, C C. M. pass. (ut auctor est Varro) abest *Æminius*, quem alibi quidam intelligunt, et *Limæam* vocant oblivionis antiquis dictus multumque fabulosus. Ab *Durio Tagus* CC. M. p. interveniente *Munda*. » ¹

Preferimos a lição das edições mais antigas, para melhor se conhecerem os erros do texto que lhe tiram toda a importancia que n'esta questão lhe teem dado. *Oppidum et flumen Minium* entre as cidades de Talabriga e de Conimbriga não pode corresponder senão á estação denominada Eminio no Itinerario de Antonino. Suppondo pois que o auctor ou os copistas erraram, escrevendo *Minium* em vez de *Eminio*, resta ainda uma difficuldade, e vem a ser dar Plinio este mesmo nome a um rio que em nenhum outro livro apparece d'esta sorte designado. Pois, se este rio fosse o Mondego, porque não lhe daria o auctor o nome de *Muladies* que lhe deu Strabão ² ou o nome mais commum de *Munda* que elle proprio logo depois lhe applica *Interveniente Munda*? Porque designar o mesmo rio com dois nomes differentes?

¹ Plinio, *Hist. Nat.*, lib. 4.

² Strabão, lib. 3.

Mas adverte Plinio que o rio *Minium* fica na distancia de 200 mil passos do rio *Æminius*, e que este rio *Æminius* é o que outros chamavam *Limæa* (rio Lima). Ora 200 mil passos são 50 leguas, e a distancia verdadeira do Mondego ao Lima não excederá metade ou 100 mil passos ou 25 leguas. Por tanto nas poucas linhas transcriptas encontramos os erros seguintes:

1.º *Minium* por *Eminio*.

2.º C C. M. por C. M.

3.º *Æminius* por *Minius*

4.º *Minius* e *Limæa* confundidos.

É possível que a distancia de 200 mil passos se não deva contar entre o Mondego e o Lima, porem entre o Mondego e o Minho. Ainda assim teremos 200 mil passos em vez de 172 mil passos que é a distancia real entre aquelles dois ultimos rios, tomada entre Coimbra e Caminha. Nem se allegue a impossibilidade em que estaria o auctor de marcar as distancias, porque entre o Tejo e o Douro conta elle, como vimos, 200 mil passos que é pouco mais ou menos a distancia entre Lisboa e Porto.

Strabão, com escrever antes de Plinio, indicou os rios da Lusitania com exactidão, o que prova que os erros d'este escriptor somente procederam da falta de attenção e não da falta de elementos que o esclarecessem.

« *Notissimi autem istorum amnium deinceps à Tago sunt Muladies, subvectiones habens exiguas, et Vacua itidem: tum Durius, é longiquis fluens partibus præter Nîmantiam multasque alias Celtiberorum et Vaccæorum habitationes, magnisque per eum subvehit licet scaphis ad ICCC usque stadia, deinde alii fluvii: ac post hos Lethes, id est Oblivionis amnis, quem alii Limæam vocant profluens é Celtiberis et Vacceis: Post hunc Bænis, quem alii Minium nominant, fluviorum Lusitani longé maximus, ipse quoque adversus navigatur ad ICCC stadia*. » ¹

Por uma parte a difficuldade que encontrariam os nossos escriptores de applicar o nome de *Eminio* a um rio que Strabão chamara *Muladies* e o proprio Plinio *Munda*; por outra parte a divulgação da fabula de Ataces e Hermenerico, levaram muita gente a buscar fora do leito e das margens do Mondego o rio e a cidade de Eminio, chegando a admittir com Vasconcellos um erro de transposição das distancias no Itinerario de Antonino, para fazerem corresponder a antiga Eminio e o rio do mesmo nome á cidade e rio Agueda. De sorte que, para conservar a authenticidade de um texto evidentemente errado, foram admittir a existencia de um erro n'outro texto que, n'este ponto, nada absolutamente poderia fazer suppor alterado.

Ptolomeu, contemporaneo de Antonino, menciona os principaes rios da Lusitania pela ordem e com os nomes seguintes: « *Tagi fl. ostia... Monde fl. ostia. Vaci fl. ostia. Post quæ Dorii fl. ostia*. » ²

¹ Idem.

² Ptolomeu, *Europæ* Tab. 2.

Concordando por tanto Strabão, Plínio e Ptolomeu em designar como principaes rios da Lusitania do Sul para o Norte, o Tejo, Mondego, Vouga e Douro, e mencionando somente Plínio o rio Eminio, em um lugar tão abundante de erros de geographia com evidencia conhecidos, a boa logica está pedindo que se considere também erro o que se não pode fazer concordar nem com os outros geographos nem com o proprio Plínio. E assim, admittindo que o auctor se enganara, confundindo o Mondego com o Minho (o que pela situação da cidade de *Eminio* e pela similhaça d'este nome com o de *Minius* mais facil seria), bem como confundiu manifestamente os dois rios *Minius* e *Limæa*, ninguém contestará por certo a necessidade de pôr de parte n'esta questão o texto pliniano. Ora, supprimido o rio Eminio, nenhuma duvida pode restar ácerca da correspondencia da antiga Eminio á actual Coimbra.

As palavras de Gaspar Barreiros mostram como anteriormente á divulgação da fabula de Ataces havia quem suppozesse que a cidade de Eminio fôra no lugar da Coimbra moderna; opinião que este mesmo auctor parece prometter provar n'outra parte, promessa que não chegou a cumprir, pelo menos em livro conhecido. «A qual cidade de Conimbriga querem alguns dizer que foi depois mudada abaixo onde ora é Coimbra, retendo o seu mesmo nome, por causa do rio Mondego, de cuja navegação e outros proveitos dos rios caudalosos podia ser o povo melhor servido que em Condeixa, pelo que derivam o nome de Condeixa de cousa deixada, como que deixaram uma por povoar outra. Mas por serem derivações de povo não faço d'ellas muito fundamento. Porem quanto á observação do nome antigo de Coimbra, e se é a cidade de Eminium que Plínio com um rio n'esta mesma parte situa e Antonino assim mesmo duas leguas e meia de Conimbriga, de que parece se faz menção no concilio Toledano: i i j, onde está subscripto *Posidonius Eminiensis episcopus*, não é d'este presente lugar senão doutro onde o nós tractamos mais largamente.»¹

Se bem que o auctor se não declare expressamente, o modo porque pretendeu concordar Plínio e Antonino, para referir o lugar de Eminio ao da Coimbra moderna, está indicâdo ser esta mesma a sua opinião.

Mas como foi que se mudou o nome de *Eminio* em *Conimbrica*, *Colimbria* ou *Coimbra*? Tendo desaparecido o primeiro nome e a povoação a que o segundo pertenceu, o que parece mais provavel é que de duas cidades proximas, uma d'ellas, menos, outra mais importante, a primeira adoptasse o nome da segunda, depois da sua destruição. Os antigos chronicões de Idacio e outros referem a destruição de Conimbrica pelos suevos na segunda metade do seculo V. Se fosse total a destruição, todas as probabilidades seriam em favor da hypothese mencionada. Prova-se porem com varias razões que a antiga cidade de Conimbriga não desap-

pareceu inteiramente depois de entrada, e, em parte, arrasada pelos suevos.

No anno de 1872, abrindo-se os alicerces para uma sacristia juncto da igreja de Condeixa a Velha, appareceu a seguinte inscripção que hoje se conserva na collecção do Instituto:¹

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS III ET
REQV INPA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIII

Em 24 de novembro do anno de 541 não era, por tanto, deshabitado o lugar de Condeixa a Velha. Setenta annos depois da destruição que Idacio e Santo Isidoro memoravam, o recinto dos muros meio derribados abrigava ainda provavelmente uma povoação importante, que se estendia para fora da cerca e celebrava o culto christão n'algun pequeno templo, que occupava pouco mais ou menos o mesmo lugar da moderna igreja, juncto da qual appareceu soterrada a lapide sepulchral de Sereniano.

Por esse tempo era ainda Conimbriga ou Conimbrica ou Conimbria uma das dioceses da Lusitania; porque no anno de 561 assignou o 1.º concilio de Braga *Lucentius Conimbriensis*.² E em 569 no concilio de Lugo, pela divisão de Theodomiro, ficou pertencendo a parochia de Eminio á sé Conimbricense. «*Conimbricensis sedes teneat ipsam Conimbriam, Eminio, Selio, Bime, Insula, Astrucione, et Portugali Castrum antiquum. Sub uno VII.*»³ Por onde se prova a coexistencia das duas povoações Conimbria e Eminio, e a maior importancia da primeira até ao anno de 569. E que isto assim continuava, mais de um seculo depois, demonstra-se com a divisão de Wamba, pela qual no anno de 675 ficou Eminio sujeita á sé de Coimbra. Emfim nos concilios 4.º, 6.º, 8.º, 13.º, 15.º e 16.º de Toledo, desde 633 até 693, e no de Merida de 666, assignam os bispos da sé conimbricense.⁴

Entre tantos concilios ha um só assignado pelo bispo de Eminio e não pelo bispo de Coimbra. É o 3.º de Toledo, no anno de 589, que subscreeveu *Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus*. Assim, estando nos annos de 569 (divisão Theodomiro) e de 675 (divisão de Wamba) subordinada a parochia do Eminio á sé de Coimbra, apparece 20 annos depois do primeiro

¹ Instituto, tom. XX — n.º 41, pag. 238.

² Loaisa, *Collectio Conciliorum Hispaniae*, Madrid 1593, pag. 123.

³ Idem, pag. 137.

⁴ Idem.

¹ Barreiros, loc. cit.

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos
Portuguezes



HENRIQUE NUNES Phot.

ESTAMPA 12.^a

Campa do Tumulo de El-Rei D. Fernando 1.^o do XIV.^o Seculo

e 86 antes do segundo, um bispo da egreja eminiense, o unico mencionado em documentos conhecidos.

O padre Antonio Pereira resolveu a duvida, suppondo que teria havido erro na designação da diocese, trocando-se o nome de cidade. Mas o padre Flores rejeita esta explicação por faltar nas subscrições do concilio a do bispo de Coimbra, devendo crêr-se por semelhante razão que o lugar d'este fora occupado pelo bispo de Eminio. Entendeu o auctor serem Coimbra, e Eminio cathedraes do mesmo bispo que se intitularia ora de uma, ora de outra.¹ É possível que assim fosse, e tambem que, por motivos ignorados, a diocese fosse temporariamente transferida, pelos annos de 569, de Coimbra para Eminio. Que a importancia d'esta ultima cidade augmentara por essa mesma epocha prova-se claramente com as moedas que dentro em seus muros cunharam Reccaredo (586 a 601), Liuva II (601 a 603) e Sizebuto (612 a 621).² É porem certo que não desaparecera ainda a da antiga Conimbriga, pois que em 675 lhe fica outra vez subordinada Eminio na divisão ecclesiastica de Wamba; em 700 reinava Egica, de quem, nas ruinas de Condeixa a Velha, appareceu uma moeda de ouro, hoje possuida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

Emfim a coexistencia das duas cidades ainda na segunda metade do seculo IX mostra-se com o Chronicon Albeldense, onde se lê de Affonso filho de Ordoño: « . . . Conimbricam, ab inimicis possessam, eremavit, et Galleis postea populavit: multaque alia castra sibi subiecit. Ejus tempore Ecclesia crevit, et Regnum ampliatur. Urbes quoque Bracaraensis, Portucalensis, Aucensis, Eminiensis, Vesencis atque Lemecensis à Christianis populantur. »³

É este o ultimo dos documentos em que se encontra o nome de Eminio, que desaparece depois completamente, ficando só o de Coimbra, referido já á cidade do Mondego. N'uma escriptura de Lorrão de 946 lê-se: « . . . In loco nominato Urbanensi Canobio Suburbio Colimbrice, discurrente rivulo Mondeco. »⁴

Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se seguiu, como parece provavel, a um cataclysmo social, este seria de certo a conquista de Affonso III pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não podera recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da sé para Eminio, perpetuaria n'esta cidade o nome d'aquella, onde antecedentemente estivera.

¹ Flores — *Espana Sagrada*, tom. XIV.

² Na collecção numismatica de S. M. el-rei, exposta em Paris no anno de 1867, havia um exemplar da moeda de Reccaredo. Veje o catalogo respectivo do sr. A. C. Teixeira de Aragão. Severim de Faria no tom. 2.º das *Noticias de Portugal* menciona as duas moedas de Reccaredus e de Sizebuto, cunhadas em Eminio. Liuva II diz o sr. Aragão ter cunhado moeda em Eminio na *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Lisboa 1875, tom. I, pag. 52.

³ *Espana Sagrada*, tom. 13.

⁴ *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae*, vol. I.

N'uma epocha toda de guerras e conquistas não é difficil explicar a progressiva decadencia da antiga Conimbriga e o engrandecimento constante de Eminio. Meio destruidos os muros d'aquella cidade pelos suevos no seculo V, continuariam depois a padecer novos estragos pelas conquistas tanto dos christãos, como dos mouros. O sitio da cidade sem defensão natural, excepto pela parte do riacho, que ainda hoje corre ao sul das ruinas, não dava aos seus habitantes a menor garantia de segurança. Pelo contrario a antiga Eminio, edificada no cume e nas encostas de um monte, era pela sua elevação naturalmente muito mais defensavel. Por outra parte, muito a ajudaria contra os ataques e correrias dos inimigos que viessem do lado do sul, o rio Mondego, cuja importancia como defensão natural claramente se patenteou nos seculos XI e XII, quando serviu de limite ao territorio occupado pelos christãos.

Parece, por tanto, que á antiga Conimbriga, filha da civilisação romana, faltariam as condições das cidades medievas que em alto grau possuía Eminio, situada a duas leguas de distancia. A primeira com a vitalidade das cidades populosas, fortes e opulentas, subsistiu ainda pelo espaço de quatro seculos depois da queda da dominação dos romanos. Mas, enfraquecida e arruinada pelas frequentes e successivas conquistas, não poudes subsistir por mais tempo. Do seculo IX para o seculo X a sé muda-se, provavelmente pela segunda vez, para Eminio, e os bispos continuam a intitular-se *conimbricenses*. Assim se operaria a mudança do nome, que no século XII as ruinas da antiga Conimbriga já não conservavam. Em mais de um documento as denominaram *antiquissimæ civitatis Condisi*.¹

A. FILIPPE SIMÕES.

TUMULO D'EL-REI D. FERNANDO I DE PORTUGAL

Estampa em photographia

Entre os numerosos sarcophagos de diferentes epochas que Portugal possui, ha muitos de bella composição, de obra mais ou menos perfeita. Um dos mais ricos de labores e de mais primorosa execução é sem duvida aquelle, que foi destinado para conservar a memoria do conde de Vianna D. Duarte de Menezes, in-

¹ *Vita S. Martini sauriensis. Monum. Hist.* — Scriptores, vol. I, pag. 60. Veja tambem a doação da egreja de Soure no anno de 1111 feita pelo bispo D. Gonçalo aos seus conegos. No *Portugal Renascido* de Fr. Manuel da Rocha vem em latim barbaro um documento de Lorrão, concernente ao tempo do conde D. Sesnando, com a palavra *Condeixa*, tal qual hoje se escreve.

Guardam-se tambem na collecção do Instituto dois fragmentos d'uma cruz de pedra, lavrados no estylo usado na epocha da inscripção, isto é depois da dominação romana e anteriormente á dominação arabe. Estes fragmentos appareceram nas ruinas dentro dos muros.

XIV

felizmente hoje mettido em um cubiculo no extincto convento de S. Francisco em Santarem, obra do meado do seculo XVI e um dos poucos mausoléos que se conservam intactos das assolações dos vandalas modernos. Todavia, ha outros fabricados na idade media, dignos de se fazer menção, posto que já mutilados e alguns em total abandono. Pertencia a este numero o que se vê representado na photographia, que publicámos. Felizmente foi salvo ainda a tempo, por nós, da total ruina, e acha-se ao presente depositado no museu do Carmo. É certamente o unico sarcophago do seculo XIV que se encontra em o nosso paiz, notavel pela sua belleza, pela excellencia da composição e primor do trabalho. Causa, sem duvida, admiração observar a variedade e graciosa distribuição de tantos bustos, escudos, figuras, molduragens e mais ornamentação; como tambem a elegante perfeição dos caracteres do epitaphio esculpido em letras em relevo, as quaes circumdam o frizo da campá, como mostra a estampa. E não se julgue, que é sómente entre os entendidos em Bellas Artes n'este reino, que este mausoléo tem sido apreciado do modo que fica referido. Assim o considera tambem um acreditado jornal artistico estrangeiro, qualificando-o como o melhor specimen d'este genero de monumentos, que d'esta epoca existem em Portugal.

É pena que apresente algumas partes já arriunadas em um dos seus lados, destruição causada pela cubica de rapina durante a guerra com estranhos, e por occasião das nossas antigas discordias civis. Pede, porém, a verdade, que se diga, que os frades deram primeiro o exemplo, pois quando se fez a trasladação dos restos mortaes d'el-rei D. Fernando, do meio do corpo da referida egreja para o seu novo jazigo no côro em 1388, para evitar que o excessivo peso d'este tumulo não ficasse sobrecarregando a abobada, mandaram fazer uma cavidade na parede em que se abre o espelho do templo, afim de descançar uma parte sobre o grosso da mesma parede. Porém, como assim mesmo ainda não o impediu de carregar demasiadamente sobre a mencionada abobada, os frades recorreram a um expediente efficaz, mas repugnante e barbaro, mandando *cerrar as cabeças dos quatro quadrupedes* que serviam de pés ao tumulo, como se pôde verificar, para que elle ficasse unido com a parede da empena do portal!...

Ultimamente serviu a mimosa campá abaulada de *cavalletes para as sellas velhas dos cavallos* do regimento de cavallaria, então aquartelado no edificio do extincto convento. Além d'isso, os soldados divertiam-se em tirar os olhos e quebrar os narizes dos bustos que orná esta obra prima de esculptura, e já em 1834 Almeida Garret lastimava não existirem dentro d'este tumulo os despojos mortaes d'el-rei D. Fernando!

Por um méro acaso salvou-se de ser mutilado o lado opposto, por ter ficado resguardado pela parede, sendo

d'esta face d'onde se tirou a photographia da estampa agora publicada n'este numero.

Nota-se uma particularidade, que á primeira vista parece de difficil explicação: isto é, que, examinando os escudos d'armas que figuram nas duas faces na caixa marmorea, não representem as armas reaes portuguezas, como aquelles que occupam a face superior da campá. A razão d'isto vem a ser, que o illustre genro d'el-rei D. Fernando, o conde de Gijon e de Noronha, D. Afonso, filho bastardo d'el-rei D. Henrique II de Castella, e esposo de D. Isabel, filha natural do primeiro d'estes soberanos, foi quem mandou fazer este tumulo, muito tempo depois do obito do monarcha, e para constatar quem fôra que ordenára esta obra, collocaram o seu brazão nas faces lateraes do cofre d'este tumulo.

O epitaphio é do teor seguinte, copiado fielmente conforme foi esculpido:

... MUY: NOBRE: REY: DON FERNANDO: FILHO DO MUI NOBRE: REY: DON PEDRO: E DA YNFANTE: DON:

A COSTANCA: FILHA: DE DON YOHAN MANUEL: MANUEL

QE FYNOU EN LYXBOA: NO ABYTO DE SAN FRANCISCO: FERIA QYNTA: XX.

II DYAS DE OUTUBRO: ERA DE MYL: E CCC/e/c
XXY ANOS:

A delicadeza da esculptura e a perfeição d'esta obra faz suppôr ser trabalho de artista italiano, não havendo memoria do nome d'este habil esculptor para que ficasse registado nos annaes artisticos de Portugal.

O comprimento d'este sarcophago é de 3 metros.

Tem de largura 1^m,15; e de altura 1^m,80; sendo o seu peso 3:500 kilogrammas.

Architecto — J. DA SILVA.

Noticia dos nomes e das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações.

Francez — Abrie (Carlos) — construiu as prisões do systema pensylvaniano nos departamentos em França, 1858.

Allemao — Adam Kraft — delineou o magnifico tabernaculo de Nuremberg, XV seculo.

Inglez — Adam (Roberto) — architecto do rei Guilherme III, construiu os palacios dos duques de Northumberland, de Kedleston, e foi auctor de publicações sobre a architectura, 1792.

Sueco — Adelcranz (Junior) — construiu o grande theatro de Stockolmo, 1796.

(*) O mausoléo tem cento e vinte e cinco e mais 1325 como está.

Romano — Adrião (imperador) — delineou o Templo de Venus em Roma, 138. de J. C.

Suisso — Aensinger — architecto da cathedral de S. Vicente em Berne.

Portuguez — Affonso Domingues — architecto do convento de Nossa Senhora da Victoria na Batalha.

Portuguez — Affonso Martins — architecto da egreja e mosteiro de Odivellas, 1310.

Grego — Agaméde — delineou o Templo de Apollo em Delphos, 1400. ant. J. C.

Grego — Agapto — Portico da Stade em Olympia.

Francez — Agnétý (Francisco) — construiu o Hôtel de Ville de Moulins, 1839.

Italiano — Agustigni de Siena — construiu o portal da cathedral de Siena, 1284.

Italiano — Aicardi (João) Terreiro do Trigo em Genova, 1623.

Polaco — Aignier — construiu o observatorio em Varsovia, 1839.

Inglez — Aikin — publicou a historia de architectura da Inglaterra, 1813.

Inglez — Aitchison — casa de banhos de Woolwich e escolas municipaes, 1870.

Francez — Alavoine (J. A.) — delineou o monumento de Julho de 1830 em Paris, 1834.

Italiano — Alberti (João Baptista) — architecto da egreja de Santa Maria Novella em Florença, 1447.

Hespanhol — Alcantra (Diogo) — director das obras do palacio de Aranjuez, 1387.

Inglez — Alcott João Baptista — architecto do grande theatro de Parma, 1636.

Inglez — Aldrich (Henrique) — construiu os edificios da Praça de Pechivater em Oxford, e foi auctor, 1710.

Francez — Aldroph (Alfredo) — architecto do novo Templo Consistorial Israelita em Paris, 1869.

Italiano — Alessi (Galeazzo) — construiu o zimbório da cathedral de Peruzia, 1372.

Italiano — Alevisi — edificou varias egrejas em Moscou, 1507.

Italiano — Algardi — architecto da Villa Pamphili em Roma, 1632.

Italiano — Ambrogio Manigia — coadjuvou na construcção da cathedral de Milão, 1392.

Italiano — Angnolo (Gabriel) — architecto do palacio Gravina e egreja de S.^{ta} Maria Egyptia em Napoles, 1510.

Italiano — Anglono de Siena — delineou a torre e palacio Senhorial de Siena, 1338.

Italiano — Ansamio di Matteos — architecto do Baptisterio de Orvieto, 1582.

Inglez — Alexander (Jorge) — a bolsa de Neuthampton, 1845.

Grego — Alexanor, — o templo de Esculapio em Titané, 1270.

Italiano — Alexandre Galiles — fachada da Basilica de S. João de Latran em Roma, 1734.

Italiano — Alfieri — architecto do theatro de Turin, 1767.

Italiano — Alghisi Galeazzo — palacio do Duque de Ferrare, 1570.

Portuguez — Almeida (Felix Vicente), — architecto da casa real, 1769.

Hespanhol — Alonzo, dirigiu tambem as obras da cathedral de Toledo e o Alcazar, 1548.

Portuguez — Alphonso Rodrigues, — architecto d'uma capella da egreja de Belem, 1517.

Portuguez — Alvares Affonso, — architecto da casa real, 1751.

Portuguez — Alvares Balthasar — do collegio de São Bento em Coimbra, 1600.

Hespanhol — Alvaro Monegro, — capella dos Reis no Escorial, 1513.

Allemao — Allemand (Guilherme) — tambem dirigiu a construcção da torre de Pisa, 1174.

Grego — Aloisius — Restaurador dos monumentos de Roma, 500.

Inglez — Allom (Thomaz) — egreja do Christo em Highbury, asylo de Cambridge, 1832.

Hespanhol — Alvarez (Anibal), — architecto da casa real e do Senado, Hospital da Princeza, 1870.

Austriaco — Aman (João) — architecto da casa imperial, do theatro de Pesth (Hongria) 1834.

Italiano — Amati (Carlos) — conclusão da fachada da cathedral de Milão, e auctor, 1834.

Italiano — Ambrogio da Tossano, — fachada da Cartuxa de Pavia, XVI seculo.

Francez — Amé (Emilio) — convento dos Trappistas de Carri-les — Tombes e auctor, 1859.

Italiano — Amedro de Castella Monte, — palacio real de Turin.

Flamengo — Amelius — cathedral da Antuerpia, 1434.

Italiano — Ammanati — palacio Ruspoli, 1592.

Italiano — Ammate (Bartholomeo) — collegio Romano em Roma, 1586.

Francez — Ancelet (Augusto) — theatro no palacio de Compiengne, 1864.

Italiano — Andrea de Cione — Loggia de Lanzi em Florença, 1355.

Francez — André (Julio) — architecto do Museu de Historia Natural em Paris, 1870.

Italiano — Andrea de Pisa — baptisterio de S. João a Pistoria, 1345.

Italiano — André Contuccio de Sansovino — o mosteiro de N. S. da Pena em Cintra, 1509.

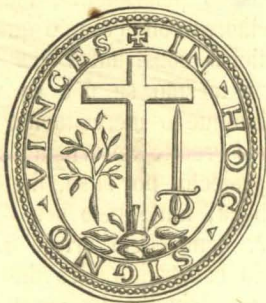
- Grego* — Andronicus — torre dos Ventos em Athenas, 159 A. J. C.
- Grego* — Antemius — reedificou a igreja de Santa Sophia, 534.
- Allemao* — Anthechius de Colonia — um dos architectos da cathedral de Milão, 1359.
- Grego* — Antimachide — começou a edificação do novo templo de Jupiter, 560.
- Grego* — Antistite — igualmente tomou parte n'esta construcção.
- Flamengo* — Antonizoon (Antonis) — a torre de S. Salvius em Dronryp, 1544.
- Italiano* — Antonio Canavari — principiou o aqueducto das aguas livres de Lisboa, 1732.
- Hespanhol* — Antonio Dionigi — palacio de Bervieque em Madrid, 1801. Era membro do instituto de França.
- Portuguez* — Antonio Francisco Roza — architecto que dirigiu a obra do palacio real da Ajuda, 1829.
- Italiano* — Antonio Florentino — igreja de Santa Catharina em Napoles, 1570.
- Francez* — Antonio (Jacques Diniz) — casa da moeda em Paris, 1775.
- Italiano* — Antonio Paderno — dirigiu as construcções de Duomo de Milão.
- Grego* — Antonio Senadorramano — edificou o celebre Templo de todos os Deuzes em Epidauro antiga cidade do Peloponeseo, II seculo de J. C.
- Italiano* — Antonio de Sangallo — palacio Farnese em Roma, 1546.
- Hespanhol* — Antonio Velasques (D) — director de architectura na academia de S. Carlos no Mexico, 1700.
- Portuguez* — Antunes (João) — architecto da casa real, 1669.
- Allemao* — Appelmann — construiu a torre da cathedral de Turin, 1422.
- Romano* — Apollodoro de Damas — architecto do Forum e columna Trajana em Roma, II seculo de J. C.
- Francez* — Arassel (Jasque) — Hôtel de Ville de Paris, 1535.
- Inglez* — Archer (Thomaz) — edificou o palacio de Buckingham, 1743.
- Grego* — Archiloque — fez a reconstrucção de Erechthéion em Athenas, 409.
- Hespanhol* — Ardemans — architecto de el-rei Filipe V, construiu o palacio e jardim de S. Ildefonso, 1726.
- Grego* — Argelio — Templo de Esculapio em Tralli.
- Hespanhol* — Argenta — architecto da cathedral de Gerona, 1340.
- Allemao* — Ariram — construiu o palacio imperial de Ratisbonna 811.
- Allemao* — Arler de Gamont — delineou o plano primitivo da cathedral de Milão, 1388.
- Francez* — Androuet (Baptista) — primeiro architecto Henrique III e IV; edificou uma parte do castello de S Germain-en-Leye, 1602.
- Flamengo* — Anequin de Egas — fachada lateral da cathedral de Toledo, 1459.
- Francez* — Ange (Marcel) — igreja de S. Luiz em Paris, 1584.
- Inglez* — Angell (Samuel), — edificio commercial Londres — Mining-Lan, 1866.
- Francez* — Anigis, — architecto da igreja de Aix-la-Chapelle, 804.
- Belga* — Annessens — fachada do Palacio dos Principes em Liège, 1798.
- Italiano* — Antelami (Benedetto) — architecto do Baptisterio de Parme, 1216.
- Grego* — Anthémus de Tralles — igreja de Santa Sophia de Constantinopla, 539.
- Francez* — Armand (Alfredo) — construiu o Grand Hôtel em Paris, 1862.
- Hespanhol* — Arnal (D. João Pedro) — edificio das Postas do reino, em Madrid 1805.
- Italiano* — Arnaldi — restauração do do palacio da Ragione em Vicencia, e foi auctor, 1797.
- Allemao* — Arnold — successor do architecto da cathedral de Colonia, 301.
- Italiano* — Arnolfo — de Collei, delineou o plano da cathedral de Florença, 1310.
- Flamengo* — Arnulphe de Binche, — edificou a igreja de N. S. de Pamele em Audenaerd, 1239.
- Suisso* — Aronjo (Adamo) — concluiu a cathedral de Trente, 1212.
- Hespanhol* — Arroyo (José de) — construiu a Casa da Moeda de Cuença, 1693.
- Portuguez* — Arruda (Estevão) — edificou o palacio real de Evora, 1531.
- Hespanhol* — Artiga (D. Francisco de) — professor de architectura na universidade de Huesca, 1711.
- Hespanhol* — Ascando (João) — construiu as gallerias do mosteiro real de Valladolid, 1781.
- Inglez* — Ashpitel (Arthur) — delineou o estabelecimento de banhos, e hospital de Ophtalmia em Inglaterra, 1866.
- Inglez* — Ashton (Henrique) — architecto da rainha de Inglaterra construiu o palacio real de Windsor e foi auctor, 1872.
- Turco* — Assar Effendi, — dirigiu a restauração da grande Mesquita do Califa Omar em Jerusalem, 1855.
- Grego* — Athéneo — edificou o arco de Galliano em Roma, 260.

- Francez* — Aubert (João) — fez novas construcções no palacio de Chantilly, 1735.
- Francez* — Aubry (Claudio) — construiu grandes palacios em Paris, 1771.
- Francez* — Austin de Bordeuse, — delineou o monumento do mausoleo de Angra no Indostão, XVII seculo.
- Francez* — Auvray (Gustavo) — edificou banhos publicos na cidade de Caen, 1865.
- Francez* — Aviller (Carlos Augusto de) — construiu o palacio archiepiscopal de Toulouse, e foi auctor, 1700.
- Portuguez* — Ayres de Quental — architecto da fachada do convento de Thomar, 1550.
- Inglez* — Aytoun (Guilhérme) — architecto do hospital de Edimbourg, 1950.
- Hespanhol* — Aznar (Athanasio) — construiu a igreja parochial de Muneberga, 1766.
- Italiano* — Azzohini (Estevão) — delineou o edificio do real picadeiro de Belem, e o seminario de Coimbra, 1777.

(Continua)

Architecto — J. DA SILVA.

Devemos a fineza e agradecemos ao nosso digno socio correspondente o sr. Augusto Mendes Simões de Castro o emblema aberto em madeira, do sinete da inquisição de Coimbra, bem como a permissão de o reproduzirmos no boletim e a descripção que s. s.^a deu no n.º 12 da 1.^a serie da sua bem acceite publicação do *Panorama Photographico de Portugal*.



Sinete da Inquisição de Coimbra

A gravura junta é copia do baixo relevo que tem esculpido o sinete da inquisição de Coimbra, e representa o emblema ou brasão de que usava o tribunal do Santo Officio.¹

O emblema inquisitorial é explicado da seguinte maneira pelo dr. Francisco Torres no *Sermão do auto celebrado em Coimbra no terreiro de S. Miguel*, aos 7 de julho de 1720:

¹ Na primeira serie do jornal d'esta Associação no n.º 5 se publicaram as plantas alçado e cortes dos carceres da inquisição, que havia em Lisboa, as quaes foram copiadas fielmente dos originaes que existem no Ministerio das Obras Publicas.

« Na espada se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade. »

O mesmo emblema se via ricamente bordado na bandeira ou pendão que era costume ir na frente do prestito dos *autos da fé*; da qual os curiosos poderão ver minuciosa e interessante descripção na *Historia das Santas Inquisições* por fr. Pedro Monteiro.¹

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

CONSTRUÇÃO

Nova fórma scientifica applicada ás salas dos theatros

Em Paris projectou-se construir ha quinze annos um theatro colossal da Opera Popular, o qual podesse conter 16:000 espectadores! Esta idéa não teve seguimento, ainda que agradasse a muitos a sua realisação.

Apparece novamente este pensamento apoiado por nomes illustres nas artes, nas sciencias e nas finanças, tendo sido já apresentado um grandioso plano por Mr. A. Sax, mas com as distribuições que se costumam dar aos actuaes theatros; no qual se encontrariam eguaes incommodos e defeitos de que os frequentadores se queixam com fundada razão.

Porém, um insigne architecto Mr. Davioud, havendo apresentado um bem delineado projecto na Exposição Universal de Vienna d'Austria, para um grande theatro, foi premiado com uma medalha; apresentou á commissão organisadora esse plano ampliado de novas disposições, assentes em dados scientificos com todos os requisitos para a commodidade d'um edificio de tal ordem, onde serão executados pela primeira vez, e satisfará completamente ás exigencias do publico.

Para se conseguir um fim tão necessario, o distincto architecto delineou a planta por uma fórma inteiramente nova, dando tambem um feitio mui diverso ao interior da sala e da scena, com o intuito de alcançar o *desideratum* n'estas construcções ha tanto tempo imperiosamente requerido por todas as nações que prezam o confortavel, não desejam expor-se a morrerem asphyxiadas pelo ar viciado, ou ser condemnadas a soffrer em uma temperatura tropical, como acontece áquellas pessoas que frequentam os nossos theatros modernos.

O problema era assás difficil, e para resolvê-lo se exigiria grande talento, bastantes conhecimentos scientificos, uma imaginação dotada de idéas luminosas, e

¹ No museu d'archeologia do Carmo está o cordão e borlas de torçal carmezim a que estava suspenso o lustre da sala principal da referida inquisição; assim como a peça central de vidro do mesmo lustre.

J. da S.

possuir-se um extraordinario arrojo; mas o estudo profundo da questão, por um artista tão consummado, e já tão distincto por outros importantes trabalhos de Mr. Davioud, lhe davam jus a emprender maiores aperfeiçoamentos na sua arte, e mais elevada gloria ao seu nome, assim como fama para a sua nobre profissão.

A difficuldade não consistia tanto nas extraordinarias dimensões da sala, pois actualmente com o emprego de construcções de ferro se podem cobrir grandiosas superficies, se fôr necessario; porém, o vencer a difficuldade para que a acústica seja perfeita; gozar-se de todos os lados da sala a vista da scena sem constrangimento; haver uma temperatura regular, e o calor das luzes e a sua combustão não alterar essa temperatura, nem o ar respiravel, eram essas favoraveis condições, que, até ao presente, haviam ficado irrealisaveis: felizmente a nova forma scientifica applicada ao edificio projectado virá demonstrar a possibilidade de se obter essa tão suspirada realisação, que o seculo presente legará ao mundo.

Geralmente ao nosso entendimento custa a comprehender, que uma nova e grande idéa se possa conceber e executar sem ser preciso meios extraordinarios e complicados processos para se effectuar. Muitos exemplos temos, em que as mais incriveis descobertas e inventos teem sido obtidos por simples combinações, e alguns mesmos por méro acaso, quando não são devidos a insignificantes circumstancias: como, á queda d'uma maçã, ao contacto de dois metaes diversos, á expansão d'um liquido, ou á illusão optica do movimento dos objectos quando navegámos; havendo feito descobrir as leis da gravidade, o produzir um agente para decompôr os metaes, um motor energico para o applicar o nosso bello prazer, o ter demonstrado por uma maneira evidente, qual era a rotação da terra! Foi tambem, traçando duas curvas por uma simples combinação, que o habil architecto francez achou a maneira mais conveniente para nas salas dos theatros se ouvir melhor; ver-se sem constrangimento; e não se sentir incommodo algum pelo ar viciado, nem pela temperatura excessiva; havendo o architecto disposto habilmente essas linhas compostas, dando-lhes a configuração d'um oval oblongo, ficando a sua parte maior voltada para o fundo da sala, e a outra opposta mais aguda formará a boca da scena.

A platêa assenta igualmente sobre a linha curva, formada pelo contorno inferior do mesmo oval, o que facilitará aos espectadores verem toda a scena por cima das cabeças das pessoas que estiverem sentadas nos logares anteriores; foi igualmente preciso inclinar o eixo maior do oval a fim de formar com a linha de terra um angulo agudo, para se obter esse favoravel resultado. Tambem se calculou, que o comprimento d'este maior eixo devia estar na relação precisa para repercutir o som em todos os lados da sala,

sem que as outras ondas sonóras podessem vir alteral-o na sua transmissão.

A ventilação será produzida com o auxilio de uma machina de vapor, e penetrará pelo proscenium, estabelecendo-se a correspondencia de ar por baixo dos estrados das cadeiras, que servem para altear a platêa; e por este modo simples se evitará a desagradavel, e até mesmo perigosa estada no theatro, pelo mau systema adoptado actualmente n'estes edificios para a sua ventilação.

A configuração da sala, em plano, é composta de curvas descriptas de 20 pontos centraes, que lhe dão a forma da boca d'uma grande busina. Será illuminada por uma serie de lustres que terão uma canalisação em separado para cada um, para se evitar a nocivamistura do resultado de combustão no ar respiravel.

No centro do tecto d'esta sala haverá uma parte espheroides que se abrirá em vinte partes, quando for necessario, a fim de penetrar a luz e o ar durante o dia, e poder-se representar com esta luz, gozando-se ao mesmo tempo da vista agradável da atmospheria.

O exterior do edificio, de fórma cylindrica, é composto de trinta e quatro contrafortes ornados de pilastras, e apresentará igualmente novidade o seu magestoso aspecto. O custo d'esta singular construcção está orçado em cinco milhões de francos, e será a decima parte da somma despendida com o novo edificio da Grande Opera de Paris.

Veremos depois de executada esta obra se corresponde ao que se propõe remediar o architecto; mas, estamos convencidos, se por ventura não for completo o exito d'este ousado pensamento, todavia se obterá n'este theatro melhores condições do que aquellas offerecidas nos edificios construidos por outra fórma, até ao presente; e mesmo se não se verificar a sua execução, não diminue o merecimento da idéa, nem tão pouco affecta o credito do artista; antes pelo contrario, este seu projecto, por si só, lhe dá jus á maior consideração publica, tanto pelo seu distincto talento e profundo saber, como pelo arrojo da iniciativa de propôr um edificio construido fóra dos dados conhecidos na pratica para semelhantes construcções.

O architecto — J. DA SILVA.

CHRONICA

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, acompanhada de seus Augustos Filhos, dignou-se examinar os objectos archeologicos depositados no museu do Carmo, no dia 3 do mez de Setembro. Viu detidamente as collecções de diversos generos que ha no museu, tendo tido a bondade de manifestar ao fundador e pre-

sidente d'esta Real Associação quanto estimou achar reunidas n'aquelle local tão interessantes antiguidades.

Esta subida honra que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes recebeu de Sua Magestade a Rainha, é um novo testemunho da Alta protecção com que esta Augusta Senhora favorece os estudos artisticos e archeologicos emprehendidos em Portugal, e muito gratos se confessam todos os socios d'esta associação de haverem merecido de Sua Magestade tão assignalada distincção.

A Augusta Rainha graciosamente concedeu ao presidente auctorisação para ser collocado o seu retrato na sala das sessões em memoria da visita de Sua Magestade ao museu, e ainda mais se dignou honrar a mesma Real Associação, offerecendo-lhe um dos seus retratos; constará portanto para o futuro, por uma maneira mais lisongeira e publica, este inesperado acontecimento, doqual os artistas e archeologos nacionaes se ufanaram, e os seus socios se recordarão sempre com o maior reconhecimento, e jubilo.

* * *

O governo portuguez apreciou, como merecia, a recente publicação architectonica do cavalleiro Leliman, composta de 554 projectos para habitações baratas, que tinha sido premiada com o principal premio na ultima exposição que para esse fim teve lugar em Paris, e da qual havia recebido um exemplar para a bibliotheca do ministerio da instrucção publica; o respectivo ministro propoz ao soberano lhe fosse conferida a ordem de Nossa Senhora da Conceição, para galardoar o talento d'este habil architecto neerlandez: tendo El-Rei concedido esta Graça afim de proteger o progresso das bellas-artes, e premiar tambem o talento do insigne architecto.

Quando uma nação dá testemunhos publicos d'esta ordem a artistas estrangeiros, patenteia qual é o auge da sua civilisação e o apreço que sabe tributar ao verdadeiro merecimento; muito nos ufanamos pois de pertencer a esta nacionalidade, e de seguir uma profissão tão nobre e util: portanto receba o collega as nossas sinceras felicitações, e registaremos jubilosos nos nossos annaes esta honra obtida por um dos nossos mais insignes socios honorarios.

* * *

O nosso respeitavel socio correspondente, o illustre cavalleiro Hoop-van-Iddekinges, foi nomeado por S. M. o rei da Hollanda secretario da comissão para a *conservação dos monumentos d'arte e de historia nacional*. Na carta que nos dirigiu este nosso presado amigo, diz o seguinte: — « Nós serviremos para aconselhar o ministro do reino em tudo que diga respeito aos mo-

numentos nacionaes. Sem nos ter consultado não se « poderá executar obra alguma, nem tão pouco conce- « der-se subsidio para nenhuma restauração; porque só « a nós compete examinar e approvar os planos e os « projectos, tanto para as restaurações como para as « novas edificações; tambem velaremos pela conserva- « ção das antiguidades, dos museus, etc., etc.

« Além d'isto, nós somos independentes; os ministros não nos podem dar a demissão contra a nossa vontade; pois os membros são nomeados directamente pelo rei, precedendo proposta da referida comissão. »

« Esta comissão está sob a presidencia d'um antigo ministro d'estado e é composta de 15 membros, de architectos, archeologos, litterarios, e amadores das bellas-artes. » Acrescentando na mesma carta esta judiciosa observação: — *Devia haver uma comissão d'esta ordem em cada paiz civilisado, como tem a França e a Belgica.* »

Foi bem acertada a escolha d'este sabio e distincto archeologo para logar tão elevado e honroso, para o qual se exigia possuir intelligencia bastante para exercel-o dignamente. Os prestantes serviços feitos ao seu paiz como director do museu de Numismastica de Leyde, as obras que tem dado á luz, o seu nobre caracter e vastos conhecimentos faziam-no credor da confiança do esclarecido soberano, que anheia pela conservação dos monumentos nacionaes, e não tolera que a ignorancia ou vandalismo possam destruil-os e desfigural-os, o que seria não sómente grave prejuizo para os estudos archeologicos, como perda valiosa para a nação.

Muito folgamos por tão grata noticia, não só por nos informar da merecida consideração conferida a tão conspicuo cavalleiro, como igualmente por nos participar a importante providencia adoptada pelo seu augusto soberano, afim de salvar do esquecimento e da destruição os monumentos das eras passadas, e obstar a construcções modernas defeituosas, as quaes deverão testemunhar aos vindouros o grau de civilisação dos povos modernos.

* * *

Foi publicada no n.º 40 na *Revue Nouvelle d'Architecture e trabalhos publicos em Paris* do mez de Setembro d'este anno, uma resumida historia da fundação da nossa associação, redigida pelo nosso confrade Mr. Preux, na qual expõe o desenvolvimento que ella tem alcançado; os trabalhos mais importantes de que se tem occupado; assim como os serviços prestados á nossa arte e ao paiz. Bom será que nos paizes mais cultos conste que Portugal se esforça por os acompanhar n'esse intuito, ainda que em escala bastante modesta, não ficando indifferente á marcha progressiva do desenvolvimento artistico e scientifico, do que dão nobre exemplo n'este seculo as nações mais adiantadas. É pois para muito agradecer ao nosso confrade estran-

geiro a sua espontanea noticia a nosso respeito, publicada em França n'aquelle jornal tão acreditado e competente para avaliar a importancia de taes serviços, e tambem em relação ás outras associações de igual natureza; bem assim que fosse aquella illustrada nação, que dêsse esta noticia da nossa existencia, e dos trabalhos artisticos que havemos emprehendido em Portugal.

* *

No congresso d'este anno em Châlons, da sociedade franceza d'archeologia, foram conferidas as seguintes medalhas:—A Mr. Joseph de Baye *uma grande medalha de prata* com a effigie de Mr. De Caumont, *pela fundação do seu museu prehistorico*: a Mr. Morel, outra igual, pela publicação do seu *Album dos cemiterios de la Marne*. Duas medalhas de prata do pequeno modelo a Mrs. Augusto Nicaise, Buhot de Kersers: ao primeiro *pelas suas publicações archeologicas*; e ao segundo *pela sua estatistica monumental du Cher*. Quatro medalhas de bronze, uma ao snr. abbade Chapiteau *pelo zelo na restauração da sua igreja*; a Mr. Augusto Denis outra, *pelas suas investigações de numismatica*; outra ao architecto Mr. Pestre *pelos seus trabalhos archeologicos*; outra ao architecto Mr. Leblan, *pelos seus desenhos de architectura*: além de se votarem as verbas destinadas para as *restaurações* de tres antigas egrejas; egualmente outras para se emprehenderem *excavações* em dois tumulos antigos, e nas ruinas d'um theatro romano; tambem se votaram as quantias para as restaurações de pinturas a fresco, e das vidraças de tres outras egrejas. As recompensas a serviços d'esta ordem concedidas pelas sociedades dos paizes mais cultos muito concorrem para proteger o engrandecimento dos estudos archeologicos e artisticos, dando a devida consideração áquelles que se dedicam com zelo, e não poupam fadigas no unico intuito de augmentar esses conhecimentos no seu paiz.

* *

Uma moeda de prata de pezo de 4,30 grammas, cunhada em Goa, tendo marca e contra-marca foi agora adquirida para o museu numismatico de Leyde (Hollanda,) da qual recebemos uma prova, e nos participa o distincto director d'aquelle museu real, que é moeda rara e pela primeira vez vista n'aquelle paiz. A tão illustre funcionario cabem muitos louvores pelos esforços que tem empregado, ha bastantes annos, para formar ama collecção das moedas portuguezas a mais rica e completa possivel. Egualmente nos participa que uma outra moeda igual a esta, *mas sem ter contra-marca*, fôra vendida em Paris no mez de setembro do presente anno, e pertencia á collecção Reynault: portanto possue o museu do Carmo mais outro exemplar raro, cunhado nas possessões portuguezas em 1640.

* *

Na Algéria, na provincia de Constantina, perto de Tébessa, ha tumulos de forma circular com o aspecto d'um cône truncado, mas um pouco deprimido, tendo de diametro entre 4 metros e 80, e 9 metros e 60 centimetros. Alguns formam throno com dois ou tres degraus. No interior ha uma galeria de 1 metro de largura, na direcção norte-sul, que vae terminar n'uma casa rectangular d'um metro d'altura, ficando situada no centro da circumferencia.

Estes tumulos do Mestivi, no numero de mais de oitenta, estão construidos todos no mesmo alinhamento, e seguindo as ondulações da crista da montanha mais proxima da planicie de Tébessa.

Nas excavações executadas no maior, descobriu-se na profundidade de 40 centimetros, um osso representando a parte superior da cabeça d'um lagarto, ou serpente, e proximo fragmentos d'ossos humanos, sendo o mais completo uma parte do craneo e maxilla composto de bellos dentes d'um esmalte muito branco.

Suppõe-se que estas sepulturas seriam construidas pelas raças autochtonas depois da invasão dos Vandalos, os quaes teriam concorrido tambem para estas mesmas construcções.

* *

Na sessão da Assembléa Geral de 7 de Dezembro do presente anno se fizeram as eleições dos socios para a meza do anno futuro, e ficaram reeleitos, para presidente o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva; vice-presidente o sr. conselheiro João Maria Feijó; secretario architecto o sr. Valentim José Correia; secretario archeologo o sr. Visconde de Alemquer; para thesoureiro o sr. Carlos Munró.

Igualmente ficaram reconduzidos os socios das tres secções: presidente da secção da architectura o sr. conselheiro João Maria Feijó; secretario o sr. Antonio José Gaspar, delegado o sr. José Caggiani.

Para presidente da secção d'archiologia o sr. J. Possidonio N. da Silva; secretario o sr. Ignacio de Vilhena Barboza; e delegado o sr. Ernesto da Silva.

Para presidente da secção de construcção o sr. Feliciano de Souza Correia, secretario o sr. Emiliano Bitencourt; e delegado o sr. Francisco José d'Almeida.

N'esta mesma sessão foram approvados para socios effectivos; os ex.^{mos} srs. Duque de Loulé, Visconde de Castilho, Carlos Maria Eugenio d'Almeida, Carlos Relvas de Campos, Emilio Girandó, Consul Geral de França em Lisboa: e para socios correspondentes, no Porto o artista o sr. José Arnaldo Nogueira Molariño; e em Paris o architecto Mr. Preux, tendo todos estes cavalleiros sido eleitos por unanimidade de votos.

J. DA SILVA.